



## RELEITURAS DA ANTROPOLOGIA PARA A INCLUSÃO SOCIAL POSITIVA DOS POVOS MINORITÁRIOS

*Eliaidina Wagner Oliveira da Silva<sup>1</sup>*

*Karina de Oliveira Lima<sup>2</sup>*

### RESUMO

A historicidade antropológica foi atravessada por teorias pseudocientíficas usadas como ferramentas elitistas de dominação dos povos colonizados. Superadas as teorias científicas, as metodologias de pesquisa sinalizam uma reviravolta acadêmica movida por uma visão inclusiva e positiva de todas as diversidades culturais consideradas num patamar de valorização igualitária frente à inexistência de hierarquia dos saberes e respeito às pluralidades. Nesse sentido, esta pesquisa bibliográfica expõe a manipulação das ciências a favor dos interesses oligárquicos como uma chaga aberta no mundo acadêmico. Importa à reversão dos efeitos nocivos dessa passagem, a conscientização de que a antropologia constrói mentalidades com visão humanitária.

**Palavras-chave:** Antropologia. Cultura. Diversidade. Evolucionismo. Inclusão.

---

<sup>1</sup> Eliaidina Wagner Oliveira da Silva. Advogada com Formação Pedagógica em História. Mestra em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local. Pós-graduada em Diversidade Étnico-Racial, Antropologia, Direito Civil, Direito Tributário e Direito Público. Membro das seguintes comissões na OAB-ES: Comissão de Igualdade Racial, Comissão Mulher Advogada, Comissão OAB vai a Escola e Comissão de Direitos e Prerrogativas. Parecista em diversas revistas científicas e Analista de Conteúdos de EaD. [eliaidinawagner@gmail.com](mailto:eliaidinawagner@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora de Inglês concursada pelo Município da Serra - ES. Pedagoga com Licenciatura em Letras/Português/Inglês e pós-graduada em gestão pública. [karinadeoliveiralima@gmail.com](mailto:karinadeoliveiralima@gmail.com)

*Em qualquer ciência, principalmente aquelas relacionadas com os fenômenos socioculturais, um processo de autocontrole atua simultaneamente com processos de invenção de critérios, a partir dos quais novos caminhos do fazer científico estão continuamente sendo formulados. A construção de uma ciência é sempre dinâmica pois no seu processo histórico particular conta justamente com a possibilidade da diversificação, na coadaptação progressiva de diferentes métodos e objetos de investigação.*

(ALVES; RABELO, 1998, “n. p.”)

## **1 INTRODUÇÃO**

Dentro de uma abordagem analítica historiográfica, a antropologia simbolizou um passado de ciências pseudocientíficas com teses evolucionistas atuantes no favorecimento das elites dominantes para justificativa da subjugação dos povos colonizados. Para construir os percalços da temática, as pesquisas de Boas (2014, 2017), Tylor (2014) e Spencer (2015) são estudos dialogados numa metodologia comparativa e reflexiva para abrigar as temáticas antropológicas numa sensatez que sinaliza a superação dos conceitos discriminatórios das teorias raciais. Com isso, antropologia reverteu seu discurso para atuar de forma positiva nos questionamentos a respeito das diversidades e isto resultou no reconhecimento das pluralidades com seu “caldeirão” multicultural.

Nesse sentido, a pesquisa faz uma análise qualitativa e descritiva das hierarquias culturais entre os povos para revelar que as teses evolucionistas aplicáveis aos seres humanos foram superadas dentro dos estudos antropológicos caminhados numa compreensão das questões humanitárias de uma forma mais justa. Este artigo é uma pesquisa bibliográfica suscinta a respeito da evolução dos conceitos antropológicos. A exposição demonstra, de início, como a manipulação da ciência atuou nocivamente na segregação de corpos e a importância de mais estudos com vieses humanistas.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

[...] os caminhos se fazem ao andar, devemos continuamente improvisar modos de vida conforme avançamos, abrindo novas trilhas mesmo quando seguimos os rastros de nossos predecessores. Contudo, nós não o fazemos sozinhos de outros. Como os fios de uma corda, vidas se entrelaçam e se sobrepõem. Elas seguem juntas e reagem mutuamente, umas às outras, em ciclos alternados de tensão e resolução. Nenhum fio segue para sempre; assim como uns se vão, outros se unem. É por isso que a vida humana é social: é o processo contínuo e coletivo de descobrir como viver. (INGOLD, 2019, “n. p.”)

Ingold (2019) sugere que características como os modos de vida, as formas de comunicação, de pensar, de saberes ou de compreensão não são inatas aos seres humanos e tampouco definitivas. A cultura envolve a possibilidade de ramificações em diferentes direções e, por isso, não existe uma forma que seja mais normal ou mais natural de comportamento.

Segundo o autor, a antropologia ingressa no mundo dos saberes como mais uma ferramenta para se desvendar os enigmas das vidas em sociedade e uma forma de complementação dos outros conhecimentos. A exemplo, ao lado da filosofia caracterizada por almas reclusas voltadas para dentro de si mesmas, a missão antropológica é o diálogo, a participação e a percepção de outros saberes como parte integrante da universalidade humana pluralista.

## 2.1 AS TESES EVOLUCIONISTAS COMO FERRAMENTA DE SEGREGAÇÃO

A ideia de raça construída sobre hierarquias denotando desigualdade dominou o pensamento social em muitos lugares, inclusive no Brasil. Foi respaldada, em parte, pela ciência, principalmente pela Antropologia Física empenhada em classificar a humanidade em tipos naturais, arbitrando certas características fenotípicas por suas frequências em diferentes grupos humanos; mas, igualmente, por alguns estudiosos do campo das ciências sociais e humanas, que usaram e abusaram da metáfora darwinista da “sobrevivência dos mais aptos” e que inventaram a Eugenia para sugerir políticas públicas que, entre outras coisas, implicavam limpeza étnica. (SEYFERTH, 1996, p. 63)

As completudes humanas emanadas das necessidades de sociabilização são objetos de estudo da antropologia. No dizer de Iamundo (2013), trata-se do processamento das construções identitárias das pessoas em conexão com os seus respectivos grupos coletivos. A identificação do ser humano com suas completudes e complexidades dentro das convivências comunitárias é objeto da reflexão antropológica.

Disse Aristóteles (2010) que o homem é um ser social e, por isso, a sua racionalidade perscruta os costumes, as culturas e os comportamentos. Os experimentos científicos voltados à compreensão do comportamento humano e às causas das pluralidades grupais são partes essenciais de que é composto o objeto da antropologia.

O universo acadêmico iniciou, com o Renascimento Francês, o uso da palavra antropologia, não obstante seu estudo como disciplina autônoma seja recente. Marconi (2019) ressalva, porém, que a matéria foi introduzida e estudada de forma amadora. Cita-se que a disciplina antropológica tem raízes no Iluminismo do século XVIII e início do século XIX na Europa e América do Norte. A temática, contudo, sofreu no passado fortes influências da Teoria Evolucionista de Darwin (2017) abstraindo para os espaços humanos a denominada a seleção natural das espécies.

Nessa linha, o estudo das pessoas foi implicado por teses darwinianas remanejadas nas análises dos favorecimentos ou retardamentos dos processos humanos civilizatórios, tendo por enfoque de análise os dados físicos, biológicos, climáticos e genéticos de dadas comunidades. Expoentes das teorias evolucionistas explicavam o desenvolvimento desigual dos povos, por meio de análises sob o ponto de vista e realidades do pesquisador. Além disso, a base matriz das pesquisas antropológicas era a superioridade de raças evoluídas, cujo referencial civilizatório foi a Europa, colocada como o ápice da civilização, e a inferioridade das primitivas focadas nos grupos alienígenas.

Ademais, teses darwinistas aplicadas ao comportamento humano foram usadas para justificar o domínio de um povo sobre outros. O neocolonialismo do século XIX empurrou os padrões globais para a dominação eurocêntrica de parâmetro de civilidade etnocêntrica como algo benéfico para os bárbaros atrasados. Ou seja, a ausência de criticidade considerou como barbárie os costumes alienígenas, não obstante a colonização representasse um dos maiores genocídios da história moderna, acompanhado pelos horrores do cativeiro africano.

A chamada civilização europeia protagonizou umas das mais macabras dominações humanas, agindo contra negros e ameríndios, consistente na subjugação de almas, com destruição de culturas e de ciências milenares irrecuperáveis. Freyre (2019), por exemplo, revela que sob a pretensão de catequizar, a Europa se mergulhou na maior depravação moral, luxúria sexual, indolência e perversão extraída do sistema econômico escravagista, com a exploração dos corpos colonizados.

Nesse aspecto, destacam-se, dentre os expoentes dessas teorias evolucionistas, Tylor (2014) e Spencer (2015). Os antropólogos acreditavam numa dinâmica evolucionista em que a humanidade evoluiria estágios após estágios. Assim, perpassariam da barbárie à civilização,

organizados por meio de uma ordem evolutiva que seria homogênea e comum a todos os seres humanos, ainda que nos diferentes graus de desenvolvimento cujo ápice de valoração era eurocentralizado.

No dizer de Tylor (2014), “[...] o fenômeno da Cultura pode ser classificado e arranjado, estágio por estágio, numa ordem provável de evolução.” (TYLOR, 2014, p. 9). Essa tese deu vazão à comparação de culturas em primitivas e avançadas, tendo sob parâmetro a visão etnocêntrica do pesquisador, porque o referencial civilizatório adotado para o método comparativo eram os padrões europeus. Para sua reflexão, o autor considerava o mundo como uma aldeia onde, eliminadas as variedades hereditárias ou raças, poderia ser tratada como homogênea em natureza, mesmo que situados em diferentes graus de civilização.

As teorias criminológicas deterministas, defendidas por Rodrigues (2010) ou a craniometria de Lombroso e Ferrero (2017), cujas teses atribuíam a alguns grupos humanos a tendência inata para o crime, ingressaram nesta via do racismo científico etnocêntrico. Eram teses de efeitos segregacionistas camufladas de ciência para justificar tratamentos diferenciados que subjugarão os povos colonizados. Pode-se dizer que as abstrações discriminatórias revestidas de cientificismo são as raízes da necropolítica que ainda sobrevive nas periferias de fortíssima densidade negra. Aliás, a atuação da necropolítica nas favelas é um processo de segregação como seletividade negativa sobre os corpos negros, conforme as teorizações de Mbembe (2020).

Para este autor, as produções intelectivas de hierarquias raciais foram sedimentadas de maneira estratégica como projeto de poder político e manutenção de privilégios. As teorias, daí produzidas, impulsionaram a higienização dos corpos indesejados cujo resquício é persistente. Conforme Silva *et al* (2021), na atualidade, os estilhaços das teses raciais se projetam nos descartes das vidas civis por meio do encarceramento seletivo dos jovens negros.

Laraia (1986), por sua vez, registra que as ciências sociais proliferaram teorias como a do determinismo biológico que atribuía capacidades específicas como sendo inatas às raças, ou ainda ao determinante climático/ geográfico. Nesse caso, aos padrões comportamentais de determinados povos atribuía-se por justificativa: causas como variações dos ambientes físicos, como climas quentes ou frios. Para a autora, as diversidades biológicas ou geográficas não explicam sozinhas as pluralidades humanas observadas em condições climáticas e genéticas similares.

## 2.2 A RELEITURA DA ANTROPOLOGIA SOB VIÉS INCLUSIVO

Não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros; não se trata de colocá-los em seu lugar ou consigná-los à categoria dos “já conhecidos”. Ao contrário, trata-se de compartilhar da sua presença, de aprender com as suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de como a vida humana poderia ser [...] (INGOLD, 2019, “n. p.”)

Segundo Laraia (1986), o choque do terror nazista foi a válvula que impulsionou antropólogos, biólogos, geneticistas e outros especialistas a se reunirem em Paris, nos idos de 1950, para rechaçar as diferenças genéticas como fator primordial para justificativas comportamentais. Vencidas, assim, as teorias biológicas e geográficas nos campos científicos, a temática despertou o enfoque cultural como uma perspectiva de análise dos costumes e das crenças dos povos alienígenas.

Marconi (2019), por exemplo, registra que a atenção de muitas pesquisas foi concentrada nos encandeamentos históricos. Dessa curiosidade, quanto aos costumes dos povos colonizados, variações de modos, vivências e assimilação de culturas, surgiu a motivação do estudo de médicos, naturalistas, clérigos, cristãos e exploradores. Registra-se, nesse ponto, que o interesse da humanidade ao seu próprio respeito independe de desenvolvimento cultural.

Na verdade, o que se observou foi a substituição da religião por metodologias pseudocientíficas trabalhadas em favor dos interesses dominantes e na defesa da subjugação colonizadora eurocentrada para justificar a dominação branca como uma forma de leva benéfica da civilidade europeia civilizada aos povos inferiores. A tese que prevalecia seria que haveria um complexo processo evolutivo em cujo progresso toda a humanidade trilharia por uma escala unilateral ascendente de caminho único, mesmo que em estágios distintos.

Boas (2017) pesquisou que a crença nos comportamentos mentais e culturais atribuídos a questões raciais são enraizados em fortes valores emocionais sem qualquer resquício científico e com efeito sentimental conduzido na validação da superioridade física e mental da nobreza. O autor denuncia que esse suposto “[...] poder superior europeu [...] permite subjugar e explorar povos estrangeiros, mesmo povos de grande cultura, [e] reforça o sentimento de superioridade europeia.” (BOAS, 2017, “n. p.”).

Para Marconi (2019), pode-se definir a antropologia “[...] como uma ciência que objetiva descrever no sentido mais amplo possível o que significa ser humano.” (MARCONI, 2019, “n. p.”). Embora não negue as conexões históricas na leitura das leis que governam o desenvolvimento da sociedade, a autora reporta que o olhar sobre os fenômenos étnicos, suas culturas, línguas, costumes e identidades repassam além de uma origem humana em comum. O

questionamento dessas pluralidades é afirmado, segundo defende, muito mais por fatores socioculturais.

A exemplo, Laraia (1986) expõe que o sistema patriarcalista, com sua divisão sexual do trabalho, é um determinante de essência cultural e não uma racionalidade biológica que justifique a distribuição de atividades com valor na força física ou na potencialidade mental. Para essa assertiva, a autora exemplifica que em comunidades aborígenes foram observadas regiões onde o resguardo após o parto de um bebê era feito pelos homens, enquanto os trabalhos mais pesados eram executados pelas mulheres.

Não obstante a mudança de foco para um viés cultural na análise das tantas pluralidades de vivências e costumes e valores, Boas (2017) admite que a dinâmica das sociedades é um dos campos mais controversos da teoria antropológica. Segundo escreveu: “Ela pode ser observada a partir de dois pontos de vista: o das inter-relações entre diversos aspectos de forma cultural e entre cultura e ambiente natural; e o da inter-relação entre indivíduo e sociedade.” (BOAS, 2004, p. 93)

Ademais, os métodos, enfoques, objetivos e paradigmas dos saberes antropológicos sofreram mudanças drásticas. Enquanto, no século XVIII, a temática se concentrava na contribuição oral de viajantes, cleros sobre os diferentes povos e seus comportamentos, Boas (2004, 2017) se destacou como expoente na pesquisa de campo. Em suas análises, o autor concluiu que guerras e fome, depressão econômica, cargas de pressão, o ambiente e incontáveis razões são interferências comportamentais. Elas não se limitam a fatores biológicos, fisiológicos e climáticos, mas a toda uma complexidade cultural e circunstancial das vidas humanas em sociedade, de modo que a “[...] cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade.” (SANTOS, 2017, p. 16).

Na definição de Laraia (1986), as culturas são sistemas de comportamentos sociais padronizados e transmitidos no âmbito comunitário, de forma hereditária, como meio de adaptação das comunidades humanas na superação de seus embasamentos biológicos. O autor expõe, nesse sentido, que somente os seres humanos podem transmitir seus conhecimentos culturais às gerações posteriores e se adaptar aos processos de mudança cultural. Diz ele que a “[...] cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores” (LARAIA, 1986, p. 40).

Dito isso, Laraia (1986) arremata que as oportunidades potencializam pessoas altamente inteligentes e as elevam a genialidade. O que define um gênio é o uso do conhecimento existente ao seu dispor, “[...] construído pelos participantes vivos e mortos de seu sistema cultural, e criar

um novo objeto ou uma nova técnica” (LARAIA, 1986, p. 40). Desse modo, o autor define que a cultura é o meio de adaptação dos grupos sociais aos seus ambientes ecológicos para ruptura das diversidades ambientais e transformação do seu *habitat*.

Saravia (2007), por sua vez, idealiza a coexistência dinâmica entre as culturas e chama de “intercultural” a convivência de culturas diferentes e, até mesmo, antagônicas nas questões políticas, regionais, geracionais, étnicas, ideológicas e religiosas. A realidade que se depara é a difícil ou quase inexistente harmonia, não obstante se trate do ideal humano. Entretanto, o autor chama atenção para um aspecto perigoso— quando a preferência pela própria cultura leva a extremos de lutas.

No dizer de Saravia (2007), o preconceito acrítico, em relação às outras formas de vivência, leva a uma avaliação distorcida, tendenciosa e desfavorável a respeito dos outros, provocando sentimentos de superioridade em relação às demais formas de constituições humanas. Trata-se do etnocentrismo que supõe o universo a girar em torno de seu próprio povo, somada à consideração de que os outros grupos estejam equivocados apenas porque suas condutas são diferentes.

Yanchuk (2014) diz que a base para estimular competência intercultural são as experiências compartilhadas numa compreensão mútua que é a criação do diálogo em um ambiente em que se pressuponha a aceitação incondicional do outro com base na tolerância e no pluralismo. Observa-se, na assertiva do autor, que a recente história mostra o perigo da apreensão dos hábitos sociais sob um foco unilateral de compreensibilidade das culturas. A falta de criticidade e percepção dos outros grupos como uma comunidade diversa, mas com direito igual ao pertencimento, vitimou vidas e ciências. Assimila-se, no final, que todos perderam e foram desumanizados.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não existe um caminho único para a prosperidade humana num processo que conduz a progressões de desenvolvimento escalonados numa valoração hierarquizada. A razão é porque cada comunidade tem seus valores, conceitos e sentimentos próprios daquilo que considera como avanços ou progressos. Escalonamentos de grupos categorizados como inferiores e superiores foram produzidos por um etnocentrismo consistente em analisar os outros pela “régua” de uma homogenia eurocentralizada e preconceituosa.

A cultura não é uma realidade estanque e fechada e, por isso, exige um esforço de pesquisa para sua distinção e compreensão sem valorações comparativas voltadas a um



esquema de escalonamento. Suas variedades debatem contra a crença de que as vidas humanas sejam unificadas sob valores comunitários homogêneos. Essa preocupação expressa, em dias atuais, a preocupação da antropologia para demonstrar que não existe uma única e sistemática forma evolutiva hierarquizada a separar povos em níveis valorativos, a ponto de justificar dominações e opressões. Sob viés humanista, as pesquisas antropológicas agora se debruçam nos processos interculturais do pluralismo, multiculturalismo e do respeito às diversidades.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo César; RABELO, Mirian Cristina. Introdução. In. **Antropologia da Saúde: traçando identidade e explorando fronteiras**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Editora Relume Dumará, 1998.

ARISTÓTELES. **A política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Lafonte, 2020.  
BOAS, Franz, 1858-1942. **Antropologia Cultural**. Tradução de Celso Castro. 6ª ed. [s. l.]: Zahar, 2004

BOAS, Franz, 1858-1942. **A mente do ser humano primitivo**. Tradução de José Carlos Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BOAS, Franz, 1858-1942. **Raça e progresso**. Tradução de Celso Castro. [s. l.]: Expresso ZAHAR, 1931

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. Tradução de Joaquim Dá Mesquita Paul. [s. l.]: Amazon, 2017.

INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve**. Tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueiras. – Petrópolis, RJ :Vozes, 2019.

IAMUNDO, Eduardo. **Sociologia e antropologia do direito**. São Paulo : Saraiva, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 24ª ed. [s. l.]: Zahar, 1986.

LOMBROSO, Césare; FERRERO, Guglielmo. (1893). **A mulher delinquente**, a prostituta e a mulher normal. Tradução de Antônio Fontoura Jr. Curitiba:antoniofontoura.com.br, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade. **Antropologia**: uma introdução / Marina de Andrade Marconi, Zélia Maria Neves Presotto. atualização Roberto Jarry Richardson. – 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2019.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. [s. l.]: N-1 Edições, 2020

RODRIGUES, R. N. **Os africanos no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

SARAVIA, Enrique. Bases conceituais da convivência intercultural. In. **Revista Observatório Itaú Cultural**. Edição Especial (mar. 2020). – São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

SEYFERTH, Giralfa. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração de colonização. In. MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996.

SILVA, E. W. O.; SANTOS, Maria José Coelho ; LIMA, Karina Oliveira ; SILVA, M. F. F. ; Fachetti Miotto . A NECROPOLÍTICA DO ENCARCERAMENTO CAPIXABA, E OS RECLAMOS DE UMA FORMAÇÃO HUMANÍSTICAS AOS OPERADORES DO DIREITO. In: **I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (CICSA-20, 2021)**, MANHUAÇU - IÚNA - CARANGOLA. Economia e Globalização, Relações étnico-raciais no contexto da educação, Direito Empresarial, Sociologia e Desigualdade Social, entre outros. [s. l.]: CICSA, 2021. v. 1.

SPENCER, Herbert (1820 – 1903) **Primeiros princípios**. Tradução de Irapuan Costa Junior. São Paulo: Ex Machina, 2015.

YANCHUK, Vladimir. Perspectiva dialógica sociocultural-interdeterminista de aprofundamento da compreensão da compreensão mútua intercultural. **Open Journal of Social Sciences**, Vol.2 No.8, 28 de agosto de 2014

TYLOR, Edward Burne. **A ciência da cultura**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. [s. l.]: Expresso Zahar, 2014.

## **ANTHROPOLOGY REELECTIONS FOR POSITIVE SOCIAL INCLUSION OF MINORITY PEOPLES**

### **ABSTRACT**

Anthropological historicity was crossed by pseudoscientific theories used as an elitist tool for the domination of colonized peoples. Overcoming scientific theories, research methodologies signal an academic turnaround driven by an inclusive and positive view of all cultural diversities considered at a level of equal valuation in the face of the lack of hierarchy of knowledge and respect for pluralities. This bibliographical research exposes the manipulation of sciences in favor of oligarchic interests as an open wound in the academic world. It is important to reverse the harmful effects of this passage, the awareness that anthropology builds mentalities with a humanitarian vision.

**Keywords:** Anthropology. Culture. Diversity. Evolutionism. Inclusion.